UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ- REITORA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PROEG
***CAMPUS* AVANÇADO DE PATU – CAP**
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

ANA VITÓRIA GOMES ALVES

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM RAINHA MÁ NA OBRA *A MAIS BELA DE TODAS*, DE SERENA VALENTINO

PATU/RN
2024

ANA VITÓRIA GOMES ALVES

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM RAINHA MÁ NA OBRA *A MAIS BELA DE TODAS,* DE SERENA VALENTINO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), departamento de Letras Língua Portuguesa e respectivas literaturas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Esp. Alex Souza Bezerra

Linha de pesquisa: Literatura, violência intrafamiliar

PATU/RN
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográ cos.

Catalogação da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A474c Alves, Ana Vitória Gomes

A construção da identidade da personagem Rainha Má na obra A mais bela de todas, de Serena Valentino. / Ana Vitória Gomes Alves. - Patu - RN, 2024.

50p.

Orientador(a): Prof. Esp. Alex Souza Bezerra.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Literatura. 2. violência intrafamiliar. 3. personagem. 4. pai. 5. Rainha Má.. I. Souza Bezerra, Alex. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográ ca para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ANA VITÓRIA GOMES ALVES

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM RAINHA MÁ NA OBRA *A MAIS BELA DE TODAS,* DE SERENA VALENTINO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), departamento de Letras Língua Portuguesa e respectivas literaturas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em: 09/12/2024

Banca Examinadora

Alex Souza Bezerra

Prof. Esp. Alex Souza Bezerra – Orientador

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Maria Lara Alves Rocha

Profa. Ma. Maria Lara Alves Rocha

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

José Romerito França Costa

Prof. Me. José Romerito França Costa

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização desta monografia. Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui.

Aos meus colegas, que sempre estiveram dispostos a compartilhar conhecimentos e experiências, agradeço por toda ajuda e companheirismo ao longo do curso. As discussões em sala de aula e as trocas de ideias foram essenciais para enriquecer minha vida acadêmica e a minha pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer à minha amiga Libégna Bezerra por sempre me apoiar e não me permitir desistir do curso, mesmo em situações difíceis, sempre esteve comigo. Saiba que você se tornou alguém muito especial para mim e alegrou meus dias acinzentados. Te levarei para minha vida.

David Paiva, obrigada por sempre se disponibilizar a me ajudar todas as vezes que necessitei. Sempre esteve presente de uma forma ou de outra. Mesmo contando piadinhas de tiozão, você é muito especial para mim e te levarei para a vida.

Julianny, sou tão grata por ter te conhecido. Você foi, e é, como um raio de sol que traz luz e me aquece em dias frios. Obrigada por tudo que já fez por mim. Eu amo você.

Aos demais amigos ao longo do curso: Naiana, Altonimar, Stefanny Barreto, Lucas Braga, Emily, Josiclebe, Lilia. Muito obrigada por entrarem e fazerem parte da minha vida. Cada um de vocês tem um lugar em meu coração. Todos os participantes da pesquisa, que generosamente compartilharam suas experiências e contribuíram para a profundidade desta monografia.

Não poderia deixar de agradecer uma pessoa que me ajudou muito nestes últimos períodos. Tenho um amor sem medida por você. Nossas conversas, brigas e sorrisos me motivaram muito. Você deu sentido aos meus dias. Como costumo dizer, você é a pessoa mais especial da minha vida. Você faz a diferença em minha vida e a torna muito melhor. Obrigada, meu amor misterioso.

Quero agradecer também ao meu orientador, Alex Souza, por todo conhecimento partilhado, pelas orientações valiosas, paciência e apoio incondicional ao longo deste processo.

Não poderia deixar de agradecer ao meu antigo orientador Romerito, sua orientação foi fundamental para a construção dessa monografia.

Agradeço também aos professores da UERN *campus* avançado de Patu, que durante o curso contribuíram em minha formação acadêmica, em especial, agradeço a Luciana Nery, professora da disciplina de monografia, obrigada por todos os conhecimentos, orientações e ensinamentos compartilhados.

Um agradecimento especial aos meus pais e aos meus irmãos e minha cunhada que me apoiaram emocionalmente, incentivando-me a seguir em frente mesmo nos momentos mais desafiadores. Sua compreensão e amor foram pilares importantes durante esta jornada.

Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido da jornada. Pois mesmo em meio a tantas perdas e momentos que pareciam que eu não iria conseguir, consegui chegar até aqui com a ajuda de Deus que colocou em minha vida pessoas que não me deixaram desistir. Sem vocês, este trabalho não teria sido possível.

Muito obrigada!

RESUMO

O estudo sobre a obra *A mais bela de todas*, de Serena Valentino deu-se pela forma como a autora recria histórias clássicas da Disney, dando voz e profundidade aos personagens considerados vilões, como no caso da Rainha Má. A partir da reconstrução da personagem que originalmente é considerada uma vilã, ao dar voz a personagem, a narrativa nos proporciona uma reinterpretação de acordo com as vivencias até entender os fatores que a levaram a ser considerada uma vilã. Para o desenvolvimento da pesquisa traçamos o seguinte objetivo geral: investigar a violência física e emocional na obra *A mais bela de todas*, de Serena Valentino. E específicos: (1) identificar como a obra constrói o relacionamento abusivo familiar; (2) explorar a resistência da personagem Rainha Má na obra *A mais bela de todas,* de Serena Valentino; (3) analisar a construção da identidade da personagem Rainha Má na obra *A mais bela de todas,* de Serena Valentino. Referente à fundamentação teórica, baseia-se nos estudos de Foucault (2004) para abordar as relações de poder. Para falar e discorrer sobre o personagem, utilizamos os estudos de Brait (1985) e Cândido (1976). Para interpretação literária, Bosi (1988) e Durão (2015) dentre outros autores que contribuíram enormemente sobre a compreensão do tema e a abordagem dos dados. A partir dos conhecimentos de Gil (2002) e Durão (2015) foi utilizado o tipo de pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória. Os objetivos estabelecidos no início da pesquisa foram cumpridos com êxito. Ao investigar as motivações da Rainha Má e as relações familiares subjacentes à sua construção enquanto vilã, revelou-se como os traumas influenciaram no seu comportamento, permitindo uma nova compreensão da personagem.

Palavras-chave: Literatura; violência intrafamiliar; personagem; pai; Rainha Má.

ABSTRACT

The study of the work *A Mais Bela de Todas* by Serena Valentino emerged from the way the author reinterprets classic Disney stories, giving voice and depth to characters traditionally seen as villains, such as the Evil Queen. Through the reconstruction of a character that is originally considered a villain, by giving her a voice, the narrative offers us a reinterpretation based on experiences, allowing us to understand the factors that led her to be viewed as a villain. For the development of this research, we established the following general objective: to investigate physical and emotional violence in *A Mais Bela de Todas* by Serena Valentino. The specific objectives are: (1) to identify how the work constructs the abusive family relationship; (2) to explore the resistance of the character Evil Queen in *A Mais Bela de Todas* by Serena Valentino; (3) to analyze the construction of the identity of the character Evil Queen in *A Mais Bela de Todas* by Serena Valentino. Regarding the theoretical framework, it is based on Foucault's studies (2004) to address power relations. To discuss and elaborate on the character, we utilized the studies of Brait (1985) and Cândido (1976). For literary interpretation, we referenced Bosi (1988) and Durão (2015), among other authors who greatly contributed to understanding the theme and data approach. Based on the knowledge of Gil (2002) and Durão (2015), we employed bibliographic, qualitative, and exploratory research methods. The objectives established at the beginning of the research were successfully achieved. By investigating the motivations of the Evil Queen and the underlying family relationships that shaped her as a villain, it was revealed how trauma influenced her behavior, allowing for a new understanding of the character.

Keywords: Literature; intrafamily violence; character; father; Evil Queen.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS **10**

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA **14**

2.1 A CONSTRUÇÃO/REINTERPRETAÇÃO DO PERSONAGEM NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA 14

2. 2 COMO É VISTA A VIOLÊNCIA NA LITERATURA 22

3 REFLEXOS DE INSEGURANÇA E A BUSCA PELA ACEITAÇÃO DO PAI **30**

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS **44**

REFERÊNCIAS **47**

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O abuso psicológico pode minar a confiança e o bem-estar emocional de uma criança e isso afeta seu desenvolvimento saudável e sua visão de si mesma e do mundo. Quando um dos pais ou ambos exercem esse tipo de abuso em relação aos filhos, cria-se um ambiente familiar prejudicial, no qual a criança ou adolescente pode desenvolver problemas emocionais, baixa autoestima, ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento. As críticas constantes por parte dos pais podem criar um espaço tóxico, no qual o(a) filho(a) sente-se constantemente desvalorizado(a) e inadequado(a). Além disso, o impacto desse abuso pode perdurar ao longo da vida adulta e influenciar a maneira como a pessoa se vê e interage com o mundo. Ao apontar que tais comportamentos abusivos estabelecem padrões de relacionamento prejudiciais entre pais e filhos, ressalta-se a importância de compreender as dinâmicas familiares afetadas por este tipo de violência.

A obra fictícia, *A mais bela de todas*, de Serena Valentino, narra a história da Rainha Má. A narrativa contextualiza suas ações por meio de um relacionamento familiar abusivo que a personagem sofreu durante sua vida. Ao examinar as dinâmicas familiares e os traumas que moldaram a “vilã”, a obra nos leva a refletir sobre a complexidade das relações interpessoais e os impactos profundos do abuso emocional no desenvolvimento da personagem. Isso nos convida a considerar as nuances das experiências familiares e a compreender como tais contextos podem influenciar as escolhas e atitudes das pessoas, mesmo em narrativas fictícias.

A resistência da Rainha Má se manifesta como uma resposta às adversidades que ela enfrentou em seu ambiente familiar, revelando-se como uma tentativa de sobreviver e se afirmar em meio à opressão que sofreu. A autora aborda de forma sensível e complexa como o relacionamento abusivo familiar influenciou as escolhas e a personalidade da personagem, que apresenta uma visão mais profunda sobre as origens de sua vilania. A obra ressalta a importância de compreender as complexidades por trás das atitudes dos personagens, mesmo quando são antagonistas.

Dito isso, para que esta pesquisa fosse realizada, fez-se necessário responder às seguintes questões: de que forma é construída a relação familiar

abusiva entre a Rainha Má e seu pai, na obra *A mais bela de todas,* de Serena Valentino? E como é representada a resistência da personagem supracitada?

Para o desenvolvimento da pesquisa traçamos os seguintes objetivos, tendo como objetivo geral: investigar a violência física e emocional na obra *A mais bela de todas*, de Serena Valentino. E específicos: (1) identificar como a obra constrói o relacionamento abusivo familiar; (2) explorar a resistência da personagem Rainha Má na obra *A mais bela de todas,* de Serena Valentino; (3) analisar a construção da identidade da personagem Rainha Má na obra *A mais bela de todas* de Serena Valentino.

A escolha por esse objeto de estudo justifica-se pela forma como a autora Serena Valentino recria histórias clássicas da Disney, dando voz e profundidade aos personagens considerados vilões, como no caso da Rainha Má. Ao humanizar a personagem da Rainha Má e apresentar sua perspectiva, Valentino oferece aos leitores a oportunidade de compreender as complexidades por trás de suas ações, explorando as motivações e os traumas que levaram essa personagem a se tornar vilã. Esta abordagem permite uma reflexão mais profunda sobre o conceito de vilania e sobre a natureza humana, proporcionando uma experiência de leitura envolvente e provocativa.

Ademais, a obra oferece a oportunidade de observar a desconstrução e reconstrução de narrativas tradicionais, bem como a análise das representações de vilões e anti-heróis na literatura contemporânea, desenvolvendo temas como a violência intrafamiliar física e emocional, a construção de personagens, o papel do vilão na narrativa e a quebra de estereótipos devido à sua abordagem na reinterpretação da personagem.

A obra literária *A mais bela de todas,* de Serena Valentino apresenta um material para a discussão de questões sociais pertinentes à nossa sociedade contemporânea, tais como a violência intrafamiliar física e emocional, representação de gênero, o poder e a beleza. O debate sobre temas sensíveis, como o abuso familiar infantil é de suma importância para o entendimento e a transformação de realidades enfrentadas por muitas pessoas. Ao discutir a violência intrafamiliar, nota-se a importância de articular uma circunstância que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, muitas vezes, de forma silenciosa e invisível.

A violência intrafamiliar está ligada ao exercício e abuso do poder dentro do ambiente familiar no qual o agressor geralmente busca controlar e subjugar os

membros mais vulneráveis da família, utilizando-se da intimidação, ameaças, violência física, psicológica ou emocional para impor sua vontade e manter seu domínio. Dessa forma, a violência intrafamiliar é uma manifestação clara da desigualdade de poder existente dentro das relações familiares, evidenciando como a falta de respeito, diálogo e equilíbrio nas interações familiares podem resultar em situações de abuso e violência.

A partir da análise da personagem Rainha Má, é possível questionar estereótipos de feminilidade e discutir a complexidade das relações de poder dentro do universo ficcional e em nossa sociedade, mostrando como esses fatores podem influenciar as relações interpessoais e moldar o comportamento de indivíduos.

Por não possuir trabalhos acadêmicos sobre a obra em questão no *Campus* Avançado de Patu - CAP/UERN, é importante destacar que este projeto será de grande relevância para o âmbito acadêmico em geral e dentro do qual faço parte. Desta forma, ao analisar a obra *A mais bela de todas*, de Serena Valentino é possível fazer uma abordagem mais criativa, pessoal e autêntica. Ao abordar o tema em questão, a universidade demonstra capacidade de inovação e originalidade, contribuindo para a expansão do conhecimento em novas áreas ou perspectivas pouco exploradas. Assim, desenvolver um projeto de pesquisa sobre um tema sem precedentes pode trazer benefícios tanto para a instituição de ensino quanto para o avanço do conhecimento científico de forma mais ampla.

Com o intuito de analisar a proposta mostrada anteriormente, foi utilizado o tipo de pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002, p. 44) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, o nosso foco se concentra na compreensão e aprofundamento do texto literário, considerando seus aspectos simbólicos, temáticos e narrativos, bem como as interpretações e significados subjacentes presentes na obra *A mais bela de todas,* de Serena Valentino.

Ademais, a pesquisa também se classifica como exploratória, pois “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (Gil, 2002, p. 41). Ao escolher uma obra que propõe uma releitura ou imaginação de contos clássicos, estamos lidando com um material com inúmeros simbolismos e

possibilidades interpretativas diversas, o que caracteriza a pesquisa exploratória na medida em que busca desbravar novas abordagens e significados.

Utilizamos os seguintes teóricos, os quais nos guiaram durante toda a pesquisa, enriquecendo nosso trabalho ao elucidar diversas questões: Foucault (2004) para abordar as relações de poder. Para falarmos e discorrer sobre o personagem Brait (1985) e Cândido (1976). Para interpretação literária Bosi (1988) e Durão (2015), entre outros estudiosos da Literatura que surgirem ao longo da pesquisa, que possivelmente venham a ser acrescentados no decorrer da análise do corpus e objeto de estudo desta monografia.

Dessa forma, de acordo com a abordagem dos dados podemos classificar esta pesquisa como qualitativa (Gil, 2002), pois permite uma análise detalhada e interpretativa do texto, buscando captar nuances, sutilezas e complexidades que podem enriquecer a compreensão da obra e contribuir para discussões críticas e teóricas mais aprofundadas.

O trabalho tem como divisão considerações iniciais, um capítulo de aporte teórico e outro de análise. Dois subtópicos na parte teórica e na parte analítica um tópico.E por último, considerações finais. O primeiro tópico aborda a construção*/*reinterpretação do personagem na literatura contemporânea. Nesta parte teórica do trabalho foi discutida a construção*/*reinterpretação do personagem, interligando com a violência intrafamiliar, o que permite uma reinterpretação sobre a personagem. Podendo assim discutir no capítulo seguinte sobre as consequências dos traumas que a personagem sofreu, e como isso influenciou em suas atitudes, sua personalidade e suas ações ao decorrer da narrativa. No segundo tópico, são analisadas as consequências dos traumas emocionais e psicológicos que ficaram marcados na personagem durante a convivência com o pai no decorrer da narrativa.

Sendo assim, o aporte teórico-metodológico desta pesquisa é fundamental para compreender a violência retratada na obra *A mais bela de todas,* de Serena Valentino, e que a violência vai além da questão física.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

2.1 A CONSTRUÇÃO/REINTERPRETAÇÃO DO PERSONAGEM NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Na literatura contemporânea, a reinterpretação do personagem tem se mostrado uma ferramenta para exploração de novas perspectivas, desconstruir estereótipos e abordar questões sociais relevantes. Ao abrir espaço para a representação de vozes marginalizadas e a discussão de temas pouco discutidos, personagens antes designados a papéis secundários ou estereotipados ganham protagonismo e profundidade, contribuindo para uma representação mais diversificada e inclusiva na literatura.

Além disso, a reinterpretação do personagem na literatura contemporânea desafia as convenções estabelecidas, incentivando a reflexão sobre identidade, poder, gênero, raça e outras questões fundamentais da sociedade atual. Ao subverter expectativas e oferecer novas perspectivas sobre os personagens, os autores contemporâneos como Conceição Evaristo, Carola Saavera, dentre outros, ampliam o potencial transformador da literatura, estimulando debates e reflexões importantes sobre o mundo em que vivemos.

Ao abordar a categoria personagem, Brait (1985, p. 52) afirma que: “a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos”. Brait destaca a importância da linguagem como um meio para dar vida e forma a seres ou ideias que, de outra forma, poderiam ser intangíveis ou abstratas. Essa materialidade é alcançada "através de um jogo de linguagem", Brait sugere que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um meio criativo e dinâmico que permite explorar e expressar realidades complexas.

Além disso, ao mencionar que isso torna "sensíveis os seus movimentos", Brait a linguagem pode capturar não apenas a essência estática dos seres, mas também suas dinâmicas, transformações e interações. Isso sugere uma concepção de linguagem como algo vivo, capaz de refletir as nuances da experiência humana e das relações sociais. Como a linguagem molda nossa percepção da realidade e como ela pode ser utilizada para dar voz e presença a aspectos que muitas vezes são invisíveis ou difíceis de expressar.

A desconstrução e reconstrução dos personagens na literatura contemporânea possibilitam a abordagem de questões sociais, políticas e culturais relevantes de forma inovadora e provocativa. Ao reconstruir esses personagens com novas perspectivas e narrativas, os autores podem resgatar sua relevância e mostrá-los sob uma luz diferente, mantendo viva a sua essência e expandindo suas possibilidades de significado. Ao se basear nas ideias de Candido (1976), podemos compreender o papel crucial que essa prática desempenha na ampliação do repertório literário e na contínua reinvenção da arte. “No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser.” (Candido, 1976, p. 55) Candido aborda a relação entre a interpretação do leitor e a construção da personagem pelo escritor. Ele sugere que, enquanto o leitor pode ter diversas interpretações e leituras sobre uma personagem ao longo do tempo, o autor estabeleceu uma base sólida e coerente para essa personagem desde o início.

Por um lado, a literatura permite múltiplas leituras e significados, enriquecendo a experiência de quem lê. Por outro lado, o autor tem um controle sobre como a personagem é apresentada, garantindo que certas características e decisões sejam percebidas como parte da essência daquela figura. Essa reinterpretação pode trazer à tona aspectos não explorados anteriormente, oferecendo novas camadas de significado e enriquecendo o legado do personagem original. Além disso, a reinterpretação do personagem pode servir como uma forma de resgate e atualização de personagens que, muitas vezes, são vistos como ultrapassados ou irrelevantes.

Na literatura, especialmente em romances, as personagens são criadas com uma profundidade que muitas vezes se encontra na vida real. A habilidade do autor em moldar essas figuras não apenas nos permite explorar suas emoções e motivações, mas também nos oferece uma visão mais clara e coesa de suas experiências. Ao contrário das interações cotidianas, que podem ser confusas e repletas de ambiguidades, a narrativa literária nos proporciona um entendimento mais preciso da condição humana. “Temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência”. (Candido,1976, p. 56) Essa citação reflete uma perspectiva sobre a natureza da personagem na literatura e a diferença entre a compreensão que se pode

ter de uma figura ficcional e a complexidade da vida real. Isso significa que, ao contrário das pessoas na vida real, que podem ser contraditórias e complexas, as personagens são moldadas pelo autor de forma a terem características definidas e um desenvolvimento claro. Essa coesão permite que o leitor as compreenda de maneira mais imediata e precisa. A literatura permite uma clareza de visão que muitas vezes falta nas interações humanas cotidianas.

As personagens literárias podem ser vistas como representações ideais ou exageradas de traços humanos, permitindo ao leitor explorar questões existenciais, emocionais ou sociais com mais profundidade. A forma como as histórias são contadas pode influenciar nossa compreensão do comportamento humano e das relações interpessoais, destacando tanto as qualidades quanto os defeitos de uma maneira que muitas vezes não é possível na vida real oferecendo uma compreensão mais clara do ser humano em comparação com a complexidade muitas vezes confusa da existência cotidiana

A construção de personagens fictícios é um aspecto fundamental da narrativa, pois eles são os veículos através dos quais as histórias ganham vida e significado. Muitas vezes, personagens são criados para representar temas maiores, ideias específicas ou questões que ainda são consideradas tabus. A personagem abordada neste trabalho sofre com traumas devido à violência psicológica e emocional que vivenciou durante sua vida. Embora seja uma personagem fictícia, em uma história fictícia, a criação de um personagem que luta contra a opressão pode simbolizar a resistência ou a busca por liberdade de realidades enfrentadas por muitas pessoas, que silenciam a situação em que vivem. Candido afirma que:

> Neste ponto tocamos numa das funções capitais da ficção, que é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres. Mais ainda: de poder comunicar-nos este conhecimento. De fato, dada a circunstância de ser o criador da realidade que apresenta, o romancista, como o artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica esta realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas. Poderíamos dizer que um homem só nos é conhecido quando morre. A morte é um limite definitivo dos seus atos e pensamentos, e depois dela é possível elaborar uma interpretação completa, provida de mais lógica, mediante a qual a pessoa nos aparece numa unidade satisfatória, embora as mais das vezes arbitrária. (Candido, 1976, p.12)

Candido revela uma reflexão profunda sobre a natureza da ficção e seu papel na compreensão humana. A ideia central é que a ficção nos proporciona um conhecimento mais completo e coerente das pessoas e das situações do que a experiência real, que muitas vezes é fragmentada e decepcionante. O romancista, ao criar uma narrativa, tem o poder de moldar a realidade de forma que possamos entender as motivações, emoções e complexidades dos personagens de maneira mais clara. Através da ficção, conseguimos acessar um tipo de conhecimento que é mais satisfatório porque oferece uma narrativa coesa. Isso é especialmente relevante em um mundo onde as relações interpessoais podem ser confusas e cheias de mal-entendidos. A ficção permite que exploremos essas complexidades sem as limitações da realidade cotidiana.

Quando Candido sugere que “um homem só nos é conhecido quando morre”, ele toca na ideia de que a morte traz uma espécie de conclusão ou clareza sobre a vida de alguém. Após a morte, podemos reavaliar as ações e pensamentos da pessoa, buscando compreender sua vida como um todo. Essa interpretação, embora muitas vezes arbitrária, nos dá uma sensação de unidade e compreensão. Essa perspectiva pode ser aplicada a várias obras literárias, nas quais personagens complexos são explorados em profundidade, permitindo aos leitores uma conexão emocional mais rica. Por exemplo, ao longo da literatura clássica e contemporânea, muitos autores têm utilizado essa técnica para criar personagens que desafiam nossas percepções iniciais.

A criação dos personagens na literatura é um dos elementos mais importantes para a eficácia de uma narrativa. Quando um autor se propõe a desenvolver uma figura fictícia, ele não apenas a constrói com características específicas, mas também precisa garantir que essa personagem ressoe com o leitor de maneira autêntica. A percepção de que uma personagem “vive” vai além da mera descrição; envolve uma conexão emocional que permite ao leitor enxergar nela reflexos de sua própria experiência. Nesse sentido:

> Estabelecidas as características da personagem fictícia, surge um problema que Forster reconhece e aborda de maneira difusa, sem formulação clara, e é o seguinte: a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida. (Candido,1976, p. 61)

Referindo-se a Forster, Brait afirma que:

> Forster encara a intriga, a história e a personagem como os três elementos estruturais essenciais ao romance e trabalha o ser fictício como sendo um entre os componentes básicos da narrativa. Essa concepção, que encara a obra como um sistema e possibilita a averiguação da personagem na sua relação com as demais partes da obra, e não mais por referência a elementos exteriores, permite um tratamento particularizado dos entes ficcionais como seres de linguagem, e resulta numa classificação considerada profundamente inovadora naquele momento. (Brait, 1985, p. 40)

Candido destaca um desafio fundamental na criação de personagens fictícias: a necessidade de que elas sejam percebidas como entidades vivas e autênticas. Candido aponta que, para que uma personagem pareça “viva”, ela deve manter relações com a realidade que a cercam. Isso implica que suas ações, emoções e decisões devem ser críveis dentro do contexto da narrativa. Quando uma personagem se comporta de maneira coerente com suas características e as circunstâncias apresentadas, o leitor é capaz de se conectar mais profundamente com ela. Essa conexão emocional é vital, pois permite que o leitor veja reflexos de sua própria experiência na vida da personagem.

As complexidades das relações humanas, os conflitos internos e as reações às situações da vida são elementos que contribuem para essa sensação de realidade. Assim, a verossimilhança não se limita apenas à plausibilidade das ações da personagem, mas também à riqueza das emoções que ela expressa. Portanto, Candido nos leva a refletir sobre como a literatura tem o poder de criar vidas que, embora fictícias, podem iluminar aspectos da condição humana. O desafio do autor é equilibrar a construção dessas vidas imaginárias com um sentido de autenticidade e conexão emocional, permitindo que o leitor não apenas observe, mas viva junto com as personagens em sua jornada.

Assim como a reinterpretação de personagens na literatura contemporânea pode resgatar e atualizar figuras consideradas ultrapassadas ou irrelevantes, a abordagem das consequências da violência intrafamiliar na saúde mental e emocional também pode ser vista como uma forma de “reinterpretação” dessas experiências traumáticas. Da mesma forma que os autores contemporâneos reinventam e dão novos significados aos personagens clássicos, ao trazer à tona as consequências da violência intrafamiliar, a narrativa pode ser reconstruída em torno dessas experiências, dando voz às vítimas e buscando formas mais empáticas de compreender e lidar com

essas situações, buscando compreender não apenas as atitudes por trás do passado da personagem, mas a busca para entender o que levou a tornar-se, neste caso, uma “vilã”.

No cenário contemporâneo, onde a realidade muitas vezes se revela crua e desafiadora, a literatura se torna um espelho que reflete não apenas as aspirações humanas, mas também suas fragilidades. A busca por heróis nas narrativas literárias pode nos levar a questionar o que realmente significa ser um “herói” em um mundo cheio de complexidades morais e emocionais. Em meio a essa reflexão, surge uma crítica provocativa sobre a natureza dos personagens que muitos sentem em relação à vida real.

Ao explorar a construção de um personagem, é essencial ressaltar como sua trajetória se alinha com a jornada do herói. Essa jornada permite que ele passe por transformações significativas, desafios, encontros com mentores e a superação de adversidades. Assim como o herói, o vilão desenvolve uma trajetória difícil e com muitas transformações, já que transparecem uma figura poderosa e temida. Ao analisar a jornada de um personagem antagonista podemos ampliar a compreensão do estereótipo de vilão, podendo assim, explorar suas vulnerabilidades humanas.

> Um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados intencionalmente todos os traços para um anti-herói, e, principalmente, tudo isso dará uma impressão extremamente desagradável, porque nós todos estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos. Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto que sentimos por vezes certa repulsa pela “roda viva”, e achamos intolerável que alguém lembre a nós. Chegamos a tal ponto que a “roda vida” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir livros é melhor.” (Dostoiévski, 2000, p. 146)

O trecho em questão revela uma crítica contundente à condição humana e ao papel que a literatura desempenha em nossas vidas. A ideia de um anti-herói desafia os conceitos tradicionais de heroísmo. Uma vez que um personagem inspira admiração, o anti-herói pode ser alguém com falhas, inseguranças e comportamentos questionáveis. Ao afirmar que um romance precisa de um herói, mas que, neste caso, optou-se por um anti-herói, a citação provoca uma reflexão sobre a natureza das narrativas e como nos identificamos com elas. A escolha intencional de traços que compõem o anti-herói sugere um reconhecimento das complexidades da vida real, em que as pessoas não são unidimensionais e frequentemente lutam com suas falhas e dilemas morais.

Dostoiévski captura a ideia de que muitos de nós nos afastamos da vida autêntica, preferindo a segurança e a previsibilidade dos livros ou das narrativas criadas. A “roda viva” simboliza a dinâmica da vida, com suas incertezas e desafios, que pode ser vista como pesada ou até mesmo opressiva. Além disso, a ideia de que nos desacostumamos da vida revela uma crítica à forma como a sociedade contemporânea tende a buscar conforto nas narrativas construídas, muitas vezes preferindo os livros à autenticidade da experiência vivida. A “roda viva” simboliza o fluxo incessante da vida — suas exigências e desafios — que se tornaram intoleráveis para muitos. Essa repulsa pela realidade pode ser vista como uma forma de negação; ao evitar o confronto com nossos problemas, acabamos aceitando uma existência superficial. Ainda sobre o herói, Campbell (1990) afirma que:

> Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo. [...] há dois tipos de proeza. Uma é a proeza física, em que o herói pratica um ato de coragem, durante a batalha, ou salva uma vida. O outro tipo é a proeza espiritual, na qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem. (Campbell, 1990, p. 137)

Campbell destaca uma interessante abordagem sobre o papel do protagonista nos romances, enfatizando a dualidade das proezas que compõem a figura do herói. Ao afirmar que, mesmo em romances populares, o protagonista se destaca por suas realizações além do comum, o autor sugere que a narrativa heroica tem um valor intrínseco, que vai além do mero entretenimento. O herói não é apenas um personagem; ele encarna a busca por algo maior, seja isso uma causa, um ideal ou um propósito que transcende sua própria existência. Quando Campbell (1990) menciona que o herói “aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana”, ele toca em um aspecto essencial da literatura: a transformação pessoal. Os heróis que conseguem integrar suas experiências e retornar com uma mensagem não só enriquecem suas próprias vidas, mas também oferecem uma nova perspectiva.

Na narrativa contemporânea, a figura do herói tradicional é frequentemente contraposta à do anti-herói. Enquanto o herói convencional é caracterizado por sua moralidade e coragem, representando ideais elevados e virtudes admiradas, o anti-herói emerge como um personagem complexo e frequentemente problemático. Essa dualidade nos permite explorar diferentes facetas da condição humana e questionar as normas estabelecidas sobre heroísmo e moralidade. Mitchell (2013) aborda que:

> O "anti-herói" (também conhecido como o herói falho) é um arquétipo de caráter comum para o antagonista que existe desde as comédias e tragédias do teatro grego. Ao contrário do herói tradicional que é moralmente correto e firme, o anti-herói, geralmente tem um caráter moral falho. Os compromissos morais que ele faz podem, muitas vezes ser vistos como os meios desagradáveis para um fim apropriadamente desejado -como quebrar um dedo para obter respostas- o que for necessário para que o protagonista compareça à justiça. Outras vezes, no entanto, as falhas morais são simplesmente falhas morais, como o alcoolismo, a infidelidade, ou um temperamento incontrolável e violento. (Mitchell, 2013, p. 44)

O contraste entre o herói tradicional e o anti-herói é essencial para entender como os personagens podem refletir a ambiguidade moral da vida real. A ideia de que os compromissos morais do anti-herói podem ser vistos como meios desagradáveis para um fim desejado é uma crítica às normas éticas. Essa perspectiva sugere que, em algumas situações, o fim pode justificar os meios, levantando questões sobre onde alguém deve ir em nome da justiça. Por exemplo, a menção de ações extremas, como “quebrar um dedo para obter respostas”, ilustra bem essa linha tênue entre moralidade e necessidade. Esses traços tornam o personagem mais complexo e realista, permitindo que os leitores ou espectadores se conectem com ele em um nível mais profundo. A falha moral do anti-herói não é apenas um defeito; é uma parte intrínseca de sua jornada e desenvolvimento.

Embora o conceito de Brait (1985) não seja contemporâneo, é importante ressaltar que na literatura há distinções entre personagens planos e redondos, essa distinção é fundamental para entender como os autores constroem suas narrativas e desenvolvem seus personagens.

> As personagens planas são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. Essa espécie de personagem pode ainda ser subdividida em tipo e caricatura, dependendo da dimensão arquitetada pelo escritor. — São classificadas como tipo aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação. O grande exemplo de tipo, citado por todos os manuais de literatura, é o Conselheiro Acácio, da obra O primo Basílio, de Eça de Queirós. Quando a qualidade ou idéia única é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente a serviço da sátira, a personagem passa a ser uma caricatura. (Brait, 1985, p. 41)

Os personagens considerados planos são aqueles que possuem características limitadas e não apresenta evolução ou complexidade ao longo da história. Geralmente, essas personagens são definidas por um ou dois traços

marcantes, como a bondade ou a maldade, e servem mais como arquétipos ou estereótipos. Elas não têm profundidade emocional significativa e suas ações são previsíveis, o que pode torná-las menos envolventes para o leitor. Por outro lado, os personagens redondos são aqueles que possuem uma personalidade mais complexa e multifacetada. Elas apresentam evolução ao longo da narrativa, enfrentando conflitos internos e externos que revelam diferentes aspectos de sua personalidade. Essas personagens são mais realistas e identificáveis, pois refletem a complexidade da experiência humana. Elas podem ter motivações variadas, inseguranças e desenvolvimento emocional que cativam o leitor.

> As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. (Brait, 1985, p. 41)

A construção de personagens, sejam elas planas ou redondas, possuem elementos que podem moldar profundamente a personalidade de uma personagem, intimamente podendo estar ligada a temas como memória e trauma, influenciando suas motivações, ações e até mesmo suas relações com os outros. Quando discorremos sobre a memória, estamos nos referindo à forma como as experiências passadas de uma personagem afetam seu comportamento presente. No entanto, uma personagem que carrega consigo traumas do passado desempenha um papel crucial na formação de sua identidade.

Após explorar a construção de personagens e suas complexidades, é fundamental considerar como esses indivíduos se inserem em contextos que muitas vezes são marcados pela violência. A violência na literatura não é apenas um elemento narrativo, ela serve como um reflexo das tensões sociais, psicológicas e morais que os personagens enfrentam. Portanto, é importante desenvolver como é abordada a violência na literatura, como veremos a seguir.

2. 2 COMO É VISTA A VIOLÊNCIA NA LITERATURA

A violência na literatura é um tema recorrente que tem sido explorado ao longo dos séculos, refletindo as complexidades da condição humana e as realidades sociais. Esse tema, pode ser abordado de diversas maneiras e em diferentes gêneros, desde a ficção até a poesia. A literatura frequentemente reflete os conflitos e tensões da

sociedade em que é produzida, servindo como um espelho para questões de poder, controle e resistência. Muitos autores utilizam a violência como uma ferramenta para criticar estruturas sociais e políticas injustas. Por exemplo, obras que abordam guerras ou regimes opressivos não apenas retratam atos violentos, mas também questionam as ideologias que os sustentam. A literatura sempre refletiu e questionou as complexidades da experiência humana, incluindo temas considerados sensíveis . Na ficção, a violência pode surgir de maneira sutil ou explícita, revelando não apenas o sofrimento da vítima, mas também as motivações e conflitos internos dos agressores.

> No entanto, as abordagens críticas sobre a representação da violência na literatura brasileira quase sempre reduzem as obras analisadas a uma espécie de extensão especular do que seria uma sociedade igual e notadamente violenta. Assim, de acordo com essas mesmas abordagens críticas, parte de nossa literatura se configuraria como o lócus por excelência de uma realidade que se impõe ao escritor como força incontornável, como um dado de que não se pode escapar, restando à escritura nada além do registro dos fatos e da impositiva figuração do real. (Mendes, 2015, p. 13)

Essa abordagem pode limitar a compreensão da literatura, pois ignora as nuances e a criatividade do autor. A literatura não é apenas um registro passivo dos fatos, ela também pode ser um espaço de reflexão, questionamento e subversão. A ideia de que a violência se impõe ao escritor como uma força incontornável sugere que os autores estariam presos a uma narrativa determinista, na qual a realidade social condiciona completamente sua produção. Isso pode desconsiderar o papel do autor como agente criativo, capaz de reinterpretar e ressignificar experiências violentas. Embora a literatura possa abordar temas de violência e suas consequências, ela também explora outras dimensões da experiência humana, como resistência, esperança e transformação.

Ao discutir a violência intrafamiliar na literatura brasileira, podemos observar como autores abordam esse tema, revelando não apenas os atos de agressão, mas também suas consequências emocionais e sociais. A violência intrafamiliar se insere nesse contexto de representação da violência, pois é uma manifestação do conflito e da opressão que ocorrem dentro do espaço mais íntimo e protegido: o lar. Essa perspectiva não apenas enriquece a análise literária, mas também contribui para a conscientização sobre um problema que afeta muitas pessoas em nosso cotidiano. Dessa forma, a representação da violência na literatura com a questão da violência intrafamiliar merece destaque e reflexão tanto no campo literário quanto na sociedade em geral.

É importante destacar que existem diversos tipos de violência, sendo elas física, psicológica, sexual, patrimonial, moral, institucional, intrafamiliar, emocional, dentre outras. Quando trazemos o foco para a violência intrafamiliar, entendemos que este fenômeno se manifesta em lares de diferentes contextos sociais, e na literatura é frequentemente explorado por escritores que buscam dar voz às vítimas e expor as dinâmicas de poder que perpetuam o ciclo da violência. Através de personagens, podemos refletir sobre as estruturas sociais que permitem quebrar o silêncio que muitas vezes envolvem esses casos. Tendo como foco deste subtópico a abordagem sobre a violência intrafamiliar, é necessário que possamos entender de que forma ela se manifesta. O Ministério da Saúde afirma:

> Chama-se família ao grupo de pessoas com vínculos afetivos, de consanguinidade ou de convivência. A família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos; quem primeiro transmite os valores, usos e costumes que irão formar as personalidades e a bagagem emocional das pessoas. A dinâmica e a organização das famílias baseiam-se na distribuição dos afetos, criando, no espaço doméstico, um complexo dinamismo de competições. Essas disputas são orientadas pelas diferenças de poder entre os sexos e, no contexto afetivo, motivadas pela conquista de espaços que garantam o amor, o reconhecimento e a proteção, necessidades básicas da condição humana. Trata-se, dessa forma, de disputas que estimulam sentimentos ambíguos de amor/ódio, aliança/competição, proteção/domínio entre seus membros. (Brasil, 2002, p. 13)

A definição de família como um grupo com vínculos afetivos é fundamental para entender que as relações familiares vão além do biológico. Como o primeiro núcleo de socialização, a família desempenha um papel crucial na formação da personalidade e na transmissão de valores. É nela que se aprende sobre amor, respeito e convivência, mas também pode se aprender sobre conflitos e rivalidades. Essa dualidade é central para entender como as experiências familiares moldam a visão de mundo do indivíduo. Em um contexto em que um membro da família exerce um abuso de poder e usa a violência, especialmente na forma verbal e emocional, entramos em uma realidade muito dolorosa e complexa, a presença de violência verbal e emocional cria um ambiente tóxico, onde o medo, a insegurança e a ansiedade se tornam parte do cotidiano. O pai, ao usar palavras destrutivas, não apenas machuca a autoestima dos filhos, mas também destrói a confiança e o sentido de segurança que deveriam existir em uma família.

Os impactos da violência são profundos e abrangentes, afetando não apenas as vítimas diretas, mas também reverberando em sua estrutura familiar e na sociedade como um todo. Este tipo de violência pode assumir várias formas, como

abuso físico, psicológico, sexual e emocional. Para as pessoas afetadas, sejam elas crianças, adolescentes, mulheres ou idosos. De acordo com o ministério da saúde:

> A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra. (Brasil, 2002, p. 15)

Ao abordar a violência como qualquer ação ou omissão que prejudique o bem-estar, integridade física, psicológica, liberdade e direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família, o autor ressalta a complexidade e gravidade desse fenômeno. Essa perspectiva mais abrangente é fundamental para identificar e combater diferentes formas de abuso e violência que ocorrem nos contextos familiares. Crianças que crescem em ambientes violentos têm maior probabilidade de reproduzir padrões de comportamento agressivo no futuro, o impacto da violência doméstica se estende para além do ambiente familiar, influenciando questões como saúde pública, segurança social e políticas governamentais.

A violência intrafamiliar pode ser considerada um tipo de saber dominado, na medida em que envolve relações de poder e controle dentro do contexto familiar. Esse conceito refere-se a um conhecimento que é perpetuado por grupos que exercem domínio sobre outros, muitas vezes silenciando as vozes das vítimas e normalizando comportamentos abusivos. Primeiramente, esta violência é frequentemente sustentada por normas culturais e sociais que validam a dominação de um membro da família sobre os outros. Em muitos casos, especialmente em sociedades patriarcais, há uma expectativa de que os homens exerçam controle sobre as mulheres e crianças, o que perpetua um ciclo de abuso. Essa dinâmica cria um “saber” que legitima a violência como uma forma de manter a hierarquia familiar.

Além disso, isso é reforçado por uma falta de apoio social e por estigmas associados à denúncia da violência. Assim, o conhecimento sobre o que é aceitável ou não em uma relação familiar fica distorcido, limitando a capacidade das vítimas de reconhecerem sua situação e buscarem ajuda. Por outro lado, ao discutir a violência intrafamiliar como um saber dominado, também é importante destacar os esforços para desmantelar essas estruturas opressivas. Movimentos sociais e campanhas educativas têm trabalhado para conscientizar sobre os direitos humanos e promover

relacionamentos saudáveis. Através da educação e do empoderamento, é possível desafiar esse saber dominado e promover mudanças significativas nas dinâmicas familiares. Sobre o saber dominado, Foucault diz:

> Por saber dominado, entendo duas coisas: por um lado, os conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais. Concretamente: não foi uma semiologia da vida asilar, nem uma sociologia da delinquência, mas simplesmente o aparecimento de conteúdos históricos que permitiu fazer a crítica efetiva tanto do manicômio quanto da prisão; e isso simplesmente porque só os conteúdos históricos podem permitir encontrar a clivagem dos confrontos, das lutas que as organizações funcionais ou sistemáticas têm por objetivo mascarar. Portanto, os saberes dominados são os blocos de saber histórico que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos e que a crítica pode fazer reaparecer, evidentemente por meio do instrumento da erudição. Em segundo lugar, por saber dominado se deve entender outra coisa e, em certo sentido, uma coisa inteiramente diferente; uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade. Foi o reaparecimento desses saberes que estão embaixo saberes não qualificados e mesmo desqualificados do psiquiatrizado, do doente, do enfermeiro, ao saber médico, paralelo e marginal em relação do delinquente etc., que chamarei de saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso mas, ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam- que realizou a crítica. (Foucault, 2021, p. 267)

Foucault argumenta que existem “saberes dominados”, que são conhecimentos e experiências que foram desvalorizados ou ocultados por sistemas que buscam manter uma ordem funcional. Esses saberes, muitas vezes provenientes de pessoas marginalizadas, têm o potencial de desafiar as narrativas hegemônicas e revelar realidades históricas que foram silenciadas. A primeira parte da citação destaca a importância dos conteúdos históricos que foram “sepultados”. Isso sugere que, para entender criticamente as instituições sociais, é necessário resgatar essas histórias ocultas. Ao fazer isso, podemos perceber como os sistemas funcionais e sistemáticos (como a psiquiatria ou o sistema penitenciário) frequentemente mascaram conflitos e lutas sociais. A crítica, então, não é apenas uma análise das instituições em si, mas um esforço para trazer à luz esses saberes históricos que desafiam a lógica dominante.

Na segunda parte, aborda sobre saberes que são considerados “não competentes” ou “insuficientemente elaborados”. Esses saberes populares, frequentemente desqualificados, representam formas de conhecimento que surgem

de experiências vividas e contextos específicos. Eles não devem ser subestimados; ao contrário, têm um valor intrínseco porque oferecem perspectivas únicas e críticas sobre as instituições e a sociedade. O conceito de “saber das pessoas” enfatiza a singularidade desse conhecimento. Ele se opõe ao saber científico tradicional e à autoridade estabelecida, trazendo à tona uma diversidade de experiências que muitas vezes são negligenciadas nos discursos acadêmicos ou institucionais. Esse saber é valioso porque permite uma crítica mais rica e contextualizada das práticas sociais.

Fazendo uma ligação entre os saberes e a violência intrafamiliar, assim como os conteúdos históricos mencionados na citação, a violência intrafamiliar tem raízes profundas na cultura, nas dinâmicas de poder e nas estruturas sociais. Muitas vezes, as narrativas sobre essa violência são moldadas pela sociedade de forma a mascarar sua prevalência e as circunstâncias que a cercam. Quando esses saberes são trazidos à tona, podemos entender melhor as causas e os efeitos da violência no contexto familiar.

Ao abordar sobre saberes desqualificados, Foucault é extremamente pertinente, pois quando falamos da violência intrafamiliar, ganha-se destaque como as experiências vividas por vítimas, como mulheres, crianças ou idosos, são frequentemente minimizadas ou ignoradas em contextos que deveriam oferecer apoio e proteção. Esses saberes “não qualificados” se referem a relatos pessoais de dor e sofrimento que, muitas vezes, não são considerados válidos ou científicos pelos sistemas tradicionais de justiça ou saúde. Assim, os saberes que poderiam contribuir para uma compreensão mais profunda da dinâmica da violência e para a formulação de políticas eficazes são ignorados.

Ao considerar a relação de poder como um elemento central na violência intrafamiliar, é necessário compreender as dinâmicas de controle, dominação e submissão presentes nesses contextos. Na dinâmica dos casos de violência doméstica, o poder, muitas vezes, se manifesta de maneira desigual e abusiva, com um membro da família exercendo controle e autoridade de forma coercitiva sobre os demais, no qual o agressor utiliza a violência como uma ferramenta para impor sua vontade, exercer controle e manter o domínio sobre as vítimas. Esse abuso de poder pode se manifestar de diversas formas como agressões físicas, ameaças verbais, manipulação emocional, isolamento social e controle financeiro.

Para Foucault (2004), o poder acontece como uma relação de forças e não é algo que um grupo detém de forma estática sobre outro, mas sim uma rede complexa e em constante fluxo de relações que permeiam todas as esferas da sociedade.

> É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. (Foucault, 2004, p. 193)

Dito isso, *o poder* na violência intrafamiliar se manifesta de maneira sutil e difusa, permeando as interações entre os membros da família em uma teia de relações complexas. A violência não está restrita a um único perpetrador ou vítima, mas é influenciada por uma rede de fatores e dinâmicas que envolvem todos os envolvidos. Portanto, ao abordar a violência intrafamiliar, é crucial considerar as nuances do poder e das relações familiares.

No contexto da violência intrafamiliar, o abuso de poder geralmente se manifesta através da imposição de vontades, da intimidação, do controle excessivo e da manipulação por parte de um membro da família sobre os demais. Essas ações visam não apenas exercer domínio e controle sobre os demais familiares, mas também perpetuar um ciclo de violência baseado na submissão e no medo. Muitas vezes, o agressor se aproveita de sua posição de autoridade ou superioridade para impor sua vontade e desrespeitar os direitos e integridade dos demais membros da família.

É importante ressaltar que o abuso de poder na violência intrafamiliar não se restringe apenas às relações entre cônjuges ou pais e filhos, mas pode ocorrer em qualquer configuração familiar. Em meio a esse cenário delicado, surge a necessidade de discutir as diferentes formas de resistência que uma pessoa pode adotar diante da violência doméstica. A resistência não apenas representa a luta pela própria dignidade e segurança, mas também é um ato de coragem e autodefesa contra qualquer forma de opressão vivenciada no âmbito familiar. Ao mencionar a resistência, Foucault (2005) afirma que:

> Onde há poder, há resistência. Não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande recusa - alma de revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do

> revolucionário. Mas sim resistência, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder. (Foucault, 2005b, p. 91)

De acordo com Foucault, é possível notar a resistência não como um ato único e grandioso, mas como uma série de pontos de resistência que surgem em meio às relações de poder. No contexto da violência doméstica, a vítima muitas vezes se encontra em uma posição de vulnerabilidade diante do agressor, que exerce controle e poder sobre ela. No entanto, é justamente nesse cenário que surgem os diferentes tipos de resistência mencionados por Foucault. A resistência pode se manifestar de forma improvável, espontânea, violenta, solitária ou planejada por parte da vítima.

Esses atos de resistência podem ser vistos como pontos de ruptura no ciclo de violência, momentos em que a vítima se recusa a aceitar a opressão e busca formas de se proteger e reivindicar sua dignidade e autonomia. Seja através da busca por ajuda, da denúncia às autoridades competentes, do fortalecimento pessoal ou do rompimento com o agressor, cada ato de resistência contribui para minar o poder exercido sobre a vítima.

De maneira geral, a resistência refere-se à capacidade de se opor, reagir ou se defender diante de situações adversas, injustiças ou pressões externas, podendo ser vista como uma habilidade essencial para enfrentar desafios em diferentes aspectos da vida, seja no campo pessoal, social ou físico. Da forma que exemplificamos a seguir: na esfera social e política, a resistência pode ser entendida como a luta contra formas de opressão, desigualdade e injustiça. Envolve a mobilização de indivíduos ou grupos para defender seus direitos, promover mudanças sociais e enfrentar regimes autoritários ou práticas discriminatórias.

A resistência pode se manifestar por meio de protestos, movimentos sociais, greves, entre outras formas de ação coletiva. No âmbito psicológico, a resistência está relacionada à capacidade de enfrentar desafios, superar traumas e adversidades, manter a integridade emocional e mental diante de situações estressantes. Envolve a busca por estratégias de apoio emocional e autoconhecimento para lidar com as dificuldades da vida e fortalecer a resiliência.

3 REFLEXOS DE INSEGURANÇA E A BUSCA PELA ACEITAÇÃO DO PAI

Neste capítulo, analisamos a obra *A mais bela de todas*, de Serena Valentino, na qual a representação da violência intrafamiliar ganha forma e significado. Essa obra nos permitirá observar como a autora aborda as nuances dessa temática, revelando tanto os desafios quanto às implicações sociais que surgem dentro do contexto familiar. Portanto, ao abordar um pouco mais sobre a complexidade das relações familiares, enfatiza-se que a família é o primeiro espaço de socialização e que, dentro dela, se formam os valores e a bagagem emocional de cada indivíduo, como mencionado anteriormente.

É importante destacar que essa obra é narrada na terceira pessoa e tem como narrador observador, pois, ele não está inserido na narrativa, não é um personagem e nem sabe dos fatos, ele irá narrar apenas o que vê. A Rainha Má, uma figura frequentemente retratada como antagonista em contos de fadas, terá foco nessa narrativa ao conhecermos sua jornada e o que a levou a tornar-se uma vilã.

Na obra de Valentino, a construção da personagem principal, que é uma versão reconstruída da Rainha Má do conto *Branca de Neve e os sete anões*, que outrora era retratada como alguém forte, segura de si mesma e ambiciosa, terá uma nova versão, pois ao apresentar a personagem com suas inseguranças, desejos e medos, oferecendo uma perspectiva que vai além do estereótipo, Valentino explora a complexidade emocional e as motivações da Rainha Má, permitindo que os leitores vejam além da imagem superficial de vilã.

Como citado anteriormente, Candido (1998) sugere que o romancista delimite e comunique uma realidade coerente, Valentino faz isso ao dar voz a sua personagem, transformando-a de uma figura unidimensional em um ser humano complexo. A trajetória da Rainha Má é marcada por transformações emocionais, especialmente após a morte de seu pai. Esse evento crucial não apenas a liberta das críticas que a assombravam, mas também a leva a um novo entendimento sobre si mesma e suas possibilidades na vida.

> Nos dias seguintes à morte do pai, sua própria vida foi inundada de luz. Era como se, ao deixar este mundo, seu pai tivesse levado com ele toda a escuridão e deixando-a em um lugar onde ela pudesse ser capaz de encontrar se não o amor e a felicidade, pelo menos algo mais do que ela tinha tido até então. (Valentino, 2021, p. 10)

A morte de seu pai representa uma virada na sua vida e surge como um momento de libertação, pois ela se vê livre de alguém que sempre a fez sentir-se inferior. Ao dizer que “sua própria vida foi inundada de luz”, é como se até o momento ela tivesse vivido na escuridão, e com a morte do pai, finalmente, ela pode se desvincular das sombras do passado e das críticas que a atormentavam. A escuridão associada ao pai simboliza não apenas suas palavras cruéis, mas também o peso emocional que ela carregava. Com ele fora de cena, ela encontra um espaço para se redescobrir e buscar novas experiências. Essa ideia de “encontrar algo mais” do que tinha até então reflete uma esperança renovada e é visto como um renascimento da personagem. Ela não necessariamente busca amor ou felicidade imediatos, mas sim a possibilidade de um futuro diferente, no qual pode explorar sua identidade sem a opressão da rejeição.

A violência verbal e psicológica sofrida pela Rainha Má em sua infância afetou profundamente sua autoestima e suas percepções sobre amor e poder. Pois ouvir de seu pai inúmeras palavras ofensivas, palavras estas que ela tomou por verdade e a fizeram desacreditar da sua beleza e de seu caráter, chegando a tornar-se uma pessoa insegura, e negando-se a acreditar que seu marido a achava bonita. Pensamentos negativos sempre estavam rondando sua mente, pensamentos como: “E se sua beleza fosse apenas isso, como seu pai havia afirmado: um encantamento? Seria justo enganar um homem tão gentil e amoroso? Ou seria possível que realmente possuísse certa beleza?”. “Quem me dera ser tão bonita quanto ela.”. “Fosse o que fosse o desejo do rei, não poderia ser ela própria”. (Valentino, 2021. p. 12).

No lugar de aprender sobre amor e proteção, ela internalizou a ideia de que o valor próprio está ligado ao domínio e à manipulação dos outros. Isso se alinha com a ideia de que a família é responsável por transmitir valores fundamentais. Pois, quando uma pessoa cresce em um ambiente no qual o amor e a proteção são substituídos por controle, manipulação e falta de afeto, ela tende a internalizar esses comportamentos como normais ou aceitáveis. Quando os laços familiares são permeados por violência, desrespeito e manipulação, as crianças podem entender que esses comportamentos são formas válidas de se relacionar.

O trauma vivenciado pela personagem manifesta-se como memórias fragmentadas ou disfuncionais, pois, ao contar para seu marido sobre seu relacionamento com o pai, as memórias da Rainha Má aparecem em formas de

flashbacks ou pesadelos, como se o evento estivesse acontecendo novamente. Desde o seu nascimento, a Rainha Má sofre com a rejeição e a falta de afeto de seu pai. Isso desencadeia uma série de traumas na personagem, pois o que ela passou com seu pai não deseja reviver e que nenhuma das pessoas que ela ama passe pelo que ela passou. Ao presenciar uma cena na qual o marido repreende a filha, Branca de Neve, a Rainha Má passa a relembrar de como o seu pai a tratava:

> Eu reconheço aquele olhar, aquele rostinho magoado de coração partido. É o mesmo olhar, a mesma expressão, que eu encarava dia após dia nos olhos do meu pai quando criança. Oh, ele era um homem cruel. Um verdadeiro monstro. E pensar que minha mãe, minha mãe tão adorável e bela, foi casada com ele. Ele me odiava. Oh, sim, ele me odiava, e me dizia isso. “Menina feia, inútil e tola”, ele dizia. As palavras feriam mais profundamente do que os machucados e as cicatrizes de qualquer dor física que ele infligira a mim. Pelos menos essas feridas foram curadas. (Valentino, 2021, p. 84)

Ao reconhecer o olhar magoado em Branca de Neve, é notório uma conexão emocional intensa, mostrando que as cicatrizes emocionais da Rainha Má são mais profundas e duradouras do que as feridas físicas. A comparação entre o olhar de alguém que está sofrendo e o olhar de alguém que já passou por algo parecido indica um ciclo de dor que se repete. A ideia de que as palavras ferem mais do que as marcas físicas é uma verdade universal, pois muitas pessoas carregam traumas emocionais que não são visíveis para os outros, mas que podem afetar profundamente sua vida. A descrição do pai como “cruel” e “um verdadeiro monstro” cria uma imagem poderosa de abuso emocional, as palavras dele, “menina feia, inútil e tola”, são exemplos clássicos de como a violência verbal pode ser devastadora, moldando a autoestima da criança e deixando marcas que podem durar a vida inteira.

À medida que a Rainha Má se aprofundava em suas memórias, um contraste marcante surgia entre o amor que um dia existiu e a dor que ela havia carregado. Havia um tempo em que seu pai era reverenciado não apenas por suas habilidades como artesão, mas também pelo profundo amor que nutria por sua mãe. A análise das feridas emocionais da Rainha Má no desenvolver da narrativa chega a um momento crucial da sua história: o amor que um dia existiu entre seus pais. Ao contar sobre essa relação, a Rainha Má revela como o amor deles fora intenso, magnífico e tornara-se em algo doloroso, refletindo as mudanças que ocorreram em seu pai. Esse contraste entre o amor que ele demonstrava no passado e a frieza que ela experimentou na infância é fundamental para entender suas cicatrizes emocionais. A

transformação dele não apenas afetou sua própria vida, mas também deixou marcas profundas na percepção que ela tem sobre amor e afeto. Em seu relato, a Rainha revela o seguinte contexto:

> [...] histórias sobre o amor de meu pai por minha mãe eram conhecidas por todas as terras. A história sobre o Artesão de Espelhos e sua linda esposa era recontada em todos os cantos e reinos como um mito antigo tecido com fios de amor e tristeza. Meu pai criava espelhos de todos os formatos e tamanhos, espelhos maravilhosos que inspiravam grandes reis e rainhas a atravessarem montes e vales só para adquirir um de seus magníficos e encantadores tesouros. (Valentino,2021, p. 91)

Esse trecho revela uma rica tapeçaria de temas e simbolismos que podem ser analisados sob uma perspectiva literária. A figura do “Artesão de Espelhos” é particularmente significativa. A habilidade do pai da Rainha Má em criar espelhos de "todos os formatos e tamanhos" surge não apenas um domínio artístico, mas também uma capacidade de refletir a beleza de sua amada. Isso pode ser interpretado como uma metáfora para o amor que ele tinha por sua esposa, refletindo suas qualidades e virtudes.

A expressão "tecido com fios de amor e tristeza" é um exemplo de linguagem poética que evoca a complexidade das relações humanas. O uso do verbo "tecer" sugere um processo cuidadoso e deliberado, indicando que o amor é algo construído ao longo do tempo, mas que também pode se desfiar com a dor e a perda. Essa dualidade entre amor e tristeza é um tema recorrente na literatura, onde o amor muitas vezes é apresentado como uma força poderosa, mas também vulnerável. A evocação do amor idealizado dos pais da Rainha Má antecipa a dor que ela sente em sua própria relação familiar, sublinhando como as memórias podem ser tanto um refúgio quanto uma fonte de sofrimento. Essa idealização pode explicar parte da amargura da Rainha: ela carrega o peso das expectativas não atendidas, contrastando com a realidade de seu relacionamento com o pai. Nesse contexto, a história de amor de seus pais emerge como um exemplo perfeito dessa idealização. A relação entre ele e a esposa era refletido com beleza, pois o artesão fazia questão de demonstrar o amor por sua amada:

> [...] minha mãe adorava solstício de inverno, e meu pai tornava a ocasião um grandioso espetáculo. Ele fazia pequenos espelhos com formato de sóis, luas e estrelas e os pendurava em todas as árvores em sua propriedade. Velas também decoravam as árvores, sua luz era replicada e multiplicada pelo reflexo dos espelhos, de modo que a casa podia ser avistada a quilômetros

> de distância - uma minúscula cidadezinha mágica brilhante e iluminada em um mar de escuridão invernal. Diziam que o artesão certa vez comentara que o esplendor que ele criava em torno de sua casa todos os invernos não era páreo para a beleza fulgurante de sua esposa [...]. (Valentino, 2021, p. 91)

O amor do artesão pela amada, se manifesta de maneiras muito significativas. A dedicação dele em criar um espetáculo visual para celebrar o solstício de inverno transforma todo o ambiente em um espaço mágico, refletindo a luz e a beleza que vê em sua esposa. Ao pendurar os pequenos espelhos em forma de sóis, luas e estrelas nas árvores, ele captura a essência da beleza que ele enxerga nela e a compartilha com o mundo. Essa ação sugere que ele deseja não apenas celebrar sua esposa, mas também fazer com que os outros vejam a beleza que ele vê. Esse amor também é um reflexo da idealização romântica comum na literatura. O marido vê sua esposa como alguém excepcional, cuja beleza e virtudes superam qualquer espetáculo visual que ele possa criar.

Esse reconhecimento é um testemunho do afeto genuíno — ele não busca apenas impressionar, busca expressar gratidão e reverência por quem ela é. Em suma, o trecho revela um amor que é tanto criativo quanto devotado. O marido transforma seus sentimentos em ações concretas, criando um espaço mágico como forma de celebrar a mulher amada. Essa relação entre eles é um exemplo poderoso de como o amor pode ser uma força transformadora, capaz de iluminar até os dias mais sombrios. Essa dinâmica reflete um ideal romântico em que o amor verdadeiro não só enriquece as vidas dos amantes, mas também cria beleza ao seu redor, como se cada gesto fosse uma forma de arte dedicada à pessoa amada.

O amor que o artesão sente pela mulher contrasta fortemente com a dor e a transformação negativa que o pai da Rainha Má experimenta após a perda de sua esposa. Enquanto o primeiro expressa seu afeto de maneira criativa e iluminada, o segundo mergulha em um abismo de desespero e violência. Quando sua mulher morre durante o parto, esse pai se vê consumido pela tristeza e pela culpa. A idealização que ele tinha de sua esposa se transforma em uma frustração profunda. Ele não consegue lidar com a perda e, em vez de buscar apoio ou encontrar maneiras saudáveis de lidar com o luto, projeta sua dor na filha.

A filha, que deveria receber amor e cuidado, acaba sendo alvo da ira do pai, ou seja, a pessoa que deveria ser um pilar de amor e proteção torna-se uma fonte de dor e violência. O pai da Rainha Má não apenas perde sua parceira, mas também perde

a capacidade de amar incondicionalmente, transformando sua dor em agressão. A relação entre essas duas situações ressalta a fragilidade do amor humano. O amor idealizado pode ser uma força poderosa, capaz de criar beleza e luz, mas quando se transforma em dor e desespero, pode resultar em comportamentos violentos e prejudiciais. Nesse contexto de dor e perda, surge um sentimento: a culpa que essa criança carrega por ter vindo ao mundo às custas da vida de sua mãe:

> A morte da minha mãe foi resultado de meu nascimento, e tenho certeza de que meu pai me culpava por isso, enxergando a minha semelhança com ela como um insulto debochado acrescentado à dor de sua perda. Meu pai nunca falou sobre a noite em que minha mãe morreu, mas eu ouvi minúsculos fragmentos da história e os reuni em minha imaginação, como reflexos em um de seus espelhos quebrados. Eu imaginei minha mãe se contorcendo em terrível agonia. Em minha mente, eu a via apertando a volumosa barriga grávida, sofrendo terrivelmente, clamando ao seu marido por ajuda, enquanto a parteira fazia o que podia. Meu pai, impotente, com o rosto lívido, tomado pelo terror enquanto minha mãe jazia ali sem vida após o parto, e seus olhos se enchendo de repulsa ao contemplar a pequena criatura que arrancara de sua vida seu querido amor. Meu pai deve ter me odiado a partir daquele dia. (Valentino, 2021, p. 92)

"A morte da minha mãe foi resultado de meu nascimento" estabelece uma conexão direta entre a vida da protagonista e a morte de sua mãe, criando um forte sentimento de culpa. Essa ideia de que a própria existência está ligada a um evento tão trágico é uma carga emocional pesada para qualquer criança carregar. A Rainha Má sente como se sua vida fosse um insulto à memória da mãe, especialmente ao perceber que seu pai pode vê-la dessa forma. Isso intensifica a ideia de que a semelhança física com a mãe não é apenas uma lembrança amorosa, mas também um lembrete constante da dor que o pai enfrenta. "Meu pai nunca falou sobre a noite em que minha mãe morreu" esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de repressão emocional, no qual o pai, incapaz de lidar com sua dor, se afasta ainda mais da filha.

Nos trechos: "eu a via apertando a volumosa barriga grávida" e "clamando ao seu marido por ajuda" esse tipo de imagem evoca não apenas o sofrimento físico da mãe, mas também o desespero emocional do pai, que se vê impotente diante da situação. A descrição do pai como "impotente, com o rosto lívido" enfatiza seu estado emocional fragilizado e o terror diante da perda iminente. Ele se torna uma figura trágica, preso entre o amor pela esposa e a dor pela perda. Ao fazer menção aos "seus olhos se enchendo de repulsa ao contemplar a pequena criatura" essa reação pode ser vista como uma manifestação do luto não processado; ele não consegue ver

a filha como uma nova vida, o fruto do amor entre ele e sua amada, mas sim como um lembrete constante do que ele perdeu. A ideia de que "meu pai deve ter me odiado a partir daquele dia" encapsula a profunda solidão e desespero, reforçando o sentimento de rejeição e culpa.

Como citado anteriormente, o amor de seus pais era muito idealizado e desde muito jovem, a Rainha Má alimentou a esperança de encontrar um amor tão intenso e verdadeiro quanto aquele que uniu seus pais. A imagem deles apaixonados e felizes era como uma luz em meio à escuridão de sua vida, e tinha esperança de que o amor poderia ser a chave para a felicidade. No entanto, essa ideia foi brutalmente confrontada pela dureza das palavras de seu pai quando o rei se apaixonou pela filha:

> Eu achava que nunca conheceria um amor assim, nem saberia como é ser bela. E então eu o conheci na loja de espelhos do meu pai. Quando você partiu prometendo voltar, deixando-me sozinha e confusa, a reação do meu pai fez meu coração disparar de pânico. "Você obviamente o enfeitiçou, filha. Logo logo ele a verá como a bruxa vil que você é", ele me disse. Tentei convencê-lo de que eu não era nenhuma bruxa. Eu não conhecia nenhum feitiço. Mas ele insistiu, "Não pense você que um homem como ele desejaria tê-la como esposa. Você está muito velha, filha, e sem graça; você é banal em todos os sentidos". (Valentino, 20221, p. 92)

Esse trecho revela uma carga emocional intensa, refletindo a luta interna da Rainha Má entre esperança e desespero, amor e rejeição. "Eu achava que nunca conheceria um amor assim, nem saberia como é ser bela," expressa uma profunda insegurança e um anseio por amor verdadeiro. A Rainha Má, apesar de suas aspirações, sente que está condenada a uma vida sem amor e sem beleza. Essa visão distorcida de si mesma é alimentada pelas palavras de seu pai e pela falta de apoio emocional. O amor que existiu entre seus pais se torna um ideal distante, quase inalcançável. O encontro na loja de espelhos do pai é especialmente simbólico. Nesse contexto, o espelho pode representar a dualidade da Rainha Má: a beleza que ela deseja ver em si mesma e a imagem distorcida que seu pai projetou sobre ela. Quando ela conhece o homem que desperta seu coração, isso representa um momento de esperança — um vislumbre do amor que ela tanto almeja.

No entanto, essa esperança é rapidamente eclipsada pela reação do pai quando ele parte "deixando-me sozinha e confusa" e revela o impacto emocional devastador que essa partida teve sobre ela. O abandono não apenas intensifica sua solidão, mas também alimenta suas inseguranças. O coração disparar de pânico reflete o medo de perder não apenas o amor recém-descoberto, mas também a

possibilidade de ser aceita e valorizada. A acusação do pai — "Você obviamente o enfeitiçou, filha" — é particularmente cruel. Aqui, ele não só nega sua capacidade de amar genuinamente, mas também a desumaniza, transformando-a em uma figura maliciosa. Essa visão distorcida reforça as inseguranças da Rainha Má e a faz se sentir prisioneira em sua própria vida. Ao se ver acusada de bruxaria, ela é reduzida a um estereótipo negativo que contradiz seu desejo por amor e aceitação.

Quando ela tenta se defender dizendo "eu não conhecia nenhum feitiço", isso demonstra sua luta para afirmar sua identidade e inocência diante da tirania paternal. É um grito silencioso por validação em meio à negação constante de sua beleza e valor pelo pai. As palavras finais dele — "Você está muito velha, filha, e sem graça; você é banal em todos os sentidos" — são devastadoras. Elas não apenas ferem sua autoestima, mas também ecoam como uma maldição que a acompanha ao longo de sua vida. Este tipo de crítica destrutiva pode deixar cicatrizes profundas na *psique* de alguém. A insistência do pai em desmerecer sua beleza interior e exterior reflete uma dinâmica familiar tóxica que moldou sua visão de mundo. Em suma, esse trecho encapsula a jornada da Rainha Má entre o desejo por amor e a realidade brutal da rejeição familiar. Ele mostra como as palavras podem ferir profundamente e como essas feridas podem criar barreiras entre o eu interior e as relações externas, levando-a a uma busca desesperada por validação e amor que moldará suas ações futuras.

Sentimentos reprimidos são emoções que não são expressadas ou reconhecidas, muitas vezes porque a pessoa sente que não pode ou não deve senti-las. Na obra analisada é perceptível os sentimentos reprimidos da Rainha Má, revelando suas inseguranças, medos e anseios. Sentimentos reprimidos principalmente em relação a sua mãe, pois seu pai não permite que ela expresse seus sentimentos, pois ele a culpava pela morte da esposa já que a causa da morte dela fora o nascimento de sua filha:

> Certa vez, eu devia ter cinco ou seis anos de idade, eu estava sozinha em nosso quintal, e o sol atravessava a copa das árvores. Eu juntava um buquê de flores silvestres quando meu pai me surpreendeu: "O que você está fazendo com essas flores, menina? ", ele perguntou; seu rosto transtornado por uma fúria mal contida. Eu disse a ele que queria levar as flores para a minha mãe. Ele me olhou fixo, cruelmente. "Você sequer a conheceu! Por que ela iria querer flores de você? ". Eu me lembro que estava profundamente triste, muito chocada e chorando quando respondi: " ela era a minha mamãe, e eu a amo". Ele se limitou a olhar para mim daquela mesma maneira com a qual eu havia me acostumado - daquele jeito que me dizia que se eu dissesse mais alguma coisa, ele iria me bater. Às vezes, ele me batia mesmo quando eu ficava em silêncio. Naquele dia, simplesmente fiquei ali parada e lhe

> estendi as flores, olhando para ele com os lábios trêmulos, à beira das lágrimas, esmagada por tantas emoções diferentes que um mero choro não seria capaz de expressá-las. Ele arrancou violentamente as flores da minha mão minúscula. Então virou as costas para mim e saiu do quintal. (Valentino, 2021, p. 93)

Ao relatar o ocorrido neste trecho, a autora utiliza a representação de um tipo de violência intrafamiliar e do impacto emocional que ela causa, especialmente na infância. A violência verbal na fala do pai é extremamente cruel e desdenhosa ao dizer “você sequer a conheceu! Por que ela iria querer flores de você” ele não apenas menospreza o amor da criança pela mãe, mas também a desumaniza, gerando um sentimento de rejeição profundo. Esse tipo de violência verbal pode ser tão prejudicial quanto a física, pois faz a criança reprimir seus sentimentos gerando inseguranças, chegando a sentir-se ameaçada em um ambiente no qual deveria sentir acolhida. O olhar do pai, descrito como “cruel”, e a tensão que permeia a interação indicam um ambiente familiar hostil. A filha sente que qualquer tentativa de se expressar pode resultar em punição física, o que demonstra uma clara dinâmica de medo e controle na relação. Mesmo tratando-se de uma narrativa ficcional, o trecho em questão é um retrato sombrio das consequências da violência intrafamiliar, mostrando como palavras e ações podem ferir profundamente as crianças, moldando suas identidades e suas percepções ao longo da vida.

Ao continuar o diálogo com seu marido, a Rainha Má revela as marcas profundas na relação entre ela e seu pai. Em seu relato, ela desabafa sobre um momento decisivo em sua vida após a morte de seu pai, um homem que, embora tenha sido uma figura central em sua existência, também representou dor e opressão. Através de suas palavras, observamos uma transição poderosa: a passagem da escuridão para a luz, simbolizando não apenas o luto pela perda, mas também a libertação de um passado sombrio. Essa dualidade é explorada com profundidade quando ela decide se afastar de tudo que seu pai representava. Em um gesto simbólico e impactante, ela transforma esse luto em uma celebração de sua nova liberdade. A narrativa revela um paradoxo: enquanto a protagonista busca amor e aceitação, ela é constantemente lembrada do desprezo que seu pai nutria por ela, como podemos ver na seguinte passagem:

> Eu decidi nunca mais pensar no Artesão de Espelhos. Ele agora pertence à escuridão. No dia em que meu pai morreu, foi como se a minha vida tivesse sido inundada de luz, como se a sua descida às trevas me houvesse trazido para um mundo iluminado onde eu finalmente seria capaz de encontrar o

> amor e a felicidade. No mesmo instante, levei todos os seus espelhos para fora da nossa casa e os pendurei em uma árvore gigante na propriedade. Foi o espetáculo mais impressionante que eu já tinha visto, os espelhos balançando ao sabor da brisa, capturando a luz do sol e refletindo-a da maneira mais magnífica. Aquela visão me tirou o fôlego. O povo da cidade também achou bonito. Eles pensaram que era uma homenagem ao meu pai, e eu os deixei acreditar nisso. Não precisavam saber do homem horrível que ele era, não precisavam saber que pela primeira vez eu havia saído para a luz, que eu não estava mais mergulhada em escuridão e dúvida. Essa foi a verdadeira razão de minha celebração, ninguém sabia o quanto ele me odiava, como sua alma era cruel e totalmente desprovida de humanidade. Alma... ha ha! Ninguém sabia o quanto! Eu me pergunto se ele tinha mesmo uma. Deve ter tido, um dia. Seu amor por minha mãe era tão grande ...Talvez sua alma tenha morrido com ela, na noite em que deixou este mundo. Ainda assim tudo que restou nele foi pura maldade. (Valentino, 2021, p. 94)

Ao tomar a decisão de "nunca mais pensar no Artesão de Espelhos" notamos um rompimento com o passado e uma busca por liberdade, fazendo uso de uma metáfora da luz e da escuridão, o qual é central neste relato. A morte do pai é descrita como um evento que traz luz à vida da protagonista, implicando que sua existência estava envolta em sombras até então. Essa iluminação não se refere apenas à liberdade de um relacionamento opressivo, mas também à possibilidade de um novo começo, no qual, amor e felicidade se tornam acessíveis. A descrição dos espelhos pendurados na árvore gigante evoca uma imagem poética e poderosa; os espelhos, ao capturarem a luz do sol, simbolizam a nova perspectiva que ela adota. Essa cena se transforma em uma celebração da vida e da libertação, embora envolta em uma ironia amarga. A revelação de que a cidade interpreta essa instalação como uma homenagem ao pai contrasta com a verdadeira motivação da protagonista: a celebração de sua própria emancipação emocional. Ela permite que os outros continuem acreditando em uma narrativa positiva, enquanto esconde a realidade sombria do homem que foi seu pai.

À medida que se aproxima do leito de morte do pai, a protagonista se vê dividida entre o dever de cuidar, e a amarga realidade do desprezo que recebeu ao longo da vida. Este momento se torna um último confronto entre esperança e desilusão, no qual o ato de velar por ele carrega não apenas uma tentativa de reconciliação, mas também uma busca desesperada por reconhecimento e amor. Nesse cenário carregado de emoção, ela reflete sobre os anos de sofrimento e as palavras cruéis que marcaram sua infância. O clímax dessa luta interna é revelado nas suas últimas interações com o pai. Como podemos ver na seguinte passagem:

> Eu velei por ele em seu leito de morte, cuidando, tentando mantê-lo vivo, porque no fundo do meu coração, eu sabia que isso era o certo, tratar sangue do meu sangue dessa forma. Ainda assim, ele não tinha nada além de ódio e palavras amargas para mim: "Você sabe que ele não vai voltar para ver você, não sabe? Você sempre foi uma criança feia. Por que um rei iria perder seu tempo com você?" Eu estava lá quando ele deixou este mundo. Bem ao lado dele. Segurando em sua mão para que ele não tivesse necessidade de partir sozinho para essa grande viagem rumo ao desconhecido. E no momento antes de morrer, seus olhos quase sem vida pousaram em mim. Eu, tola que sou, por um instante cheguei a acreditar que ele ia me agradecer. Em vez disso, ele disse: "Eu nunca amei você, filha". E, então, ele fechou os olhos e deixou este mundo. (Valentino, 2021, p. 94)

Esse trecho evoca uma carga emocional profunda e complexa, refletindo temas de amor, rejeição e a dor das relações familiares. A cena é marcada pela presença do luto e da esperança frustrada, na qual a protagonista se esforça para cuidar do pai em seus momentos finais, apesar da história repleta de desamor e desprezo. Ao falar que "Eu velei por ele em seu leito de morte" sugere um ato de devoção, que contrasta fortemente com as palavras amargas que ela ouviu dele ao longo de sua vida. Essa dualidade entre amor e ódio é um tema recorrente na literatura, especialmente nas obras que tratam das relações familiares.

As palavras que o pai dirige à filha são cruéis e revelam um profundo ressentimento. A frase "Você sempre foi uma criança feia" não é apenas uma crítica à aparência física, mas simboliza um desdém mais profundo pelas escolhas e pela identidade da filha. A falta de amor paterno pode gerar traumas que ecoam ao longo da vida. A expectativa da filha por um reconhecimento ou gratidão no leito de morte é um momento trágico e comum na narrativa do luto.

O clímax emocional ocorre no momento da morte do Artesão, pois, expectativa da protagonista de receber um agradecimento é quase uma manifestação de esperança em meio ao desespero. No entanto, a realidade cruel se impõe quando o pai reafirma sua falta de amor. Essa última declaração não só fecha um ciclo de dor, mas também intensifica o sentimento de abandono e desilusão que permeia toda a sua vida. A morte aqui não é apenas física, é também simbólica para o relacionamento entre eles, um fechamento que deixa cicatrizes profundas.

O instante em que o pai diz "Eu nunca amei você" representa uma negação não apenas do amor paterno, mas também da esperança da filha por um fechamento emocional. Ao contar, expressa uma ferida profunda e ilustra a dificuldade de se libertar completamente das correntes emocionais que a violência intrafamiliar impõe. O momento de despedida é emblemático; ela tenta cuidar dele até o fim, mesmo

sabendo que ele não retribuiu esse amor. Essa dinâmica evidencia como o ciclo de violência pode se perpetuar através das gerações, onde o amor é distorcido pelo ódio e pela rejeição.

Desde a infância, a Rainha Má foi moldada pela frieza e pelas expectativas de um pai que nunca viu valor em suas conquistas ou sentimentos. Essa carência de amor a impulsiona a adotar uma postura de poder e controle, a ideia central que Foucault apresenta de que o poder não é algo fixo ou concentrado em um único lugar ou grupo, significa que todos nós, de alguma forma, exercemos e somos afetados por esse poder em nossas interações diárias. Ele circula e se manifesta em relações complexas e interconectadas. O poder é dinâmico, funcionando como uma rede que permeia diferentes esferas da vida social, política e cultural. Essa perspectiva se alinha com a análise da violência intrafamiliar, pois revela como as relações de poder dentro do lar não são apenas determinadas por uma figura autoritária. Em vez disso, elas são moldadas por uma série de interações e contextos sociais mais amplos. Por exemplo, a maneira como a sociedade trata as vítimas de violência pode reforçar ou desafiar as dinâmicas de poder existentes na família. Se os relatos das vítimas não são levados a sério, isso perpetua um ciclo de silêncio e opressão, onde o poder da violência se torna ainda mais invisível.

A relação da Rainha com seu pai é marcada por uma sombra de desilusão e rejeição. Desde a infância, as palavras dele ecoaram em sua mente, moldando sua autoimagem e deixando cicatrizes profundas em sua autoestima. A beleza, um conceito que sempre lhe escapou, se tornou a obsessão que a consumia. Agora, após a morte do marido, a Rainha se vê em um momento de vulnerabilidade extrema, buscando não apenas respostas sobre o destino do amor perdido, mas também uma confirmação de seu valor intrínseco.

> [...] a Rainha ficou pensativa com a resposta. Toda a esperança de saber o que tinha sido reservado para o marido depois de sua morte rapidamente a deixou. Ela mal podia ver seu próprio reflexo para além do rosto no espelho. Mas o que ela podia ver a aterrorizava. Ela era tão feia como o seu pai sempre lhe dissera ser. Só havia uma coisa além de notícias sobre o esposo que poderia levantar-lhe o ânimo. - Diga-me, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? - ela perguntou, desesperada. [...] -Saiba que eu sou limitado pela verdade - respondeu o Escravo. [...] - Quem é ela, Escravo? Quem é a mais bela de todas - perguntou a Rainha. - Ande logo com isso, Escravo! - vociferou a Rainha, batendo o punho na cornija da lareira e repetindo aos berros: - Quem é a mais bela de todas? - É você, minha Rainha - respondeu o Escravo. Então, ele desapareceu em um redemoinho de névoa, e a Rainha pôde ver o próprio rosto novamente. Seus olhos se estreitaram e um sorriso perverso esticou-lhe os lábios em um canto da boca. (Valentino, 2021, p. 123)

Ao descobrir que a alma de seu pai estava presa em um espelho que ganhara de presente no dia do seu casamento, surge na Rainha o desejo ardente de ouvir de seu pai se ela era bela ou não. Isso ressoa em seu coração como um eco distante de tudo o que nunca teve: a aprovação e o amor paterno. A pergunta que ela formula ao espelho não é apenas sobre beleza, é um clamor desesperado por reconhecimento e aceitação. Neste momento crucial, a Rainha se vê dividida entre a raiva pela rejeição e a necessidade de reafirmação. Quando ela exige saber quem é a mais bela de todas, não busca apenas uma resposta, ela busca um pedaço da validação que lhe foi negado ao longo da vida.

Esse trecho representa uma figura de autoridade, a sua ligação com o pai, o escravo preso no espelho, que moldou sua autoimagem ao longo de sua vida. Quando ela pergunta ao espelho se há alguém mais bela do que ela, isso revela seu profundo desejo de ser a mais bonita, não apenas para os outros, mas principalmente para si mesma. A resposta do Escravo é crucial: ele não pode mentir. Isso provoca uma tensão no diálogo, pois a Rainha já está ciente de suas inseguranças e anseia por uma confirmação que justifique sua vaidade.

A insistência em saber quem é a mais bela de todas demonstra um lado sombrio da sua personalidade, a necessidade em ouvir de seu pai palavras carinhosas, coisa que outrora nunca havia escutado, surge também a necessidade de ser superior e admirada. O sorriso perverso que surge em seu rosto ao ouvir que ela é a mais bela indica que essa validação não apenas alimenta seu ego, mas também acentua seu lado maligno, sugerindo uma transformação na sua essência quando ela se vê como um ser superior. Fazendo ligação com a teoria discutida anteriormente, parafraseando Foucault (2004) é importante não entender o poder apenas como uma forma de controle uniforme e abrangente exercida por um indivíduo sobre outros, por um grupo sobre outros ou por uma classe sobre as demais.

> Sentia-se renovada, não apenas por sua aclamação pelo reino, mas também por algo completamente diferente. Durante todos aqueles anos, após a morte de seu pai, pensara que havia exorcizado o fantasma dele de sua mente. Mas não era assim. Foi só quando viu o rosto dele dizer-lhe como ela era bela a mais bela de todas, de fato - que ela sentiu como se um peso houvesse sido tirado de seus ombros. Ela tinha poder sobre ele agora, assim como ele tivera poder sobre ela durante tantos anos. E ela iria exercê-lo. (Valentino, 2021, p. 128)

A sensação de renovação que ela experimenta ao perder o marido não se limita à sua aclamação como rainha, mas está intrinsecamente ligada ao confronto com seu

passado e com a figura de seu pai. Quando ela finalmente percebe que agora tem poder sobre o pai, o ser que antes fora dominado passa a ser o dominador. Essa dinâmica mostra como o poder pode ser algo complexo, não é apenas uma questão de controle externo, mas também de domínio interno.

> [...]- Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? - O Escravo, que estava condenado a dizer sempre a verdade, admitiu à Rainha que ela era a mais bela de todas, e a Rainha sentiu-se verdadeiramente segura. O medo de que houvesse se tornado uma bruxa velha, como seu pai certa vez a chamara, se dissipou. Quaisquer inseguranças que ela pudesse ter tido evaporaram. Mesmo sua profunda tristeza pela perda do Rei encontrou alívio quando ela viu e ouviu o Escravo no espelho a alma, o próprio rosto de seu pai, que sempre a maltratara com palavras humilhantes e depreciativas - admitir que ela era bonita; que ela era a mais bela de todas. (Valentino, 2021, p. 128)

A famosa frase "Espelho, espelho meu" não é apenas uma busca por validação externa, mas representa um momento de reflexão interna, no qual a Rainha confronta suas inseguranças mais profundas. A presença do Escravo, que é condenado a dizer somente a verdade, serve como um catalisador para essa transformação. Ao afirmar que ela é a mais bela de todas, ele não apenas valida sua beleza física, mas também lhe proporciona um senso de segurança que estava ausente em sua vida. O fato de que ela encontra alívio em ouvir algo positivo, mesmo vindo da figura que antes a maltratou, ilustra a luta interna entre o amor e o ódio que muitas vezes existe em relacionamentos familiares.

O espelho se torna um símbolo tanto de vaidade quanto de libertação. A Rainha não apenas se vê bela, ela também se liberta da dor emocional associada à crítica do pai. A beleza se torna não apenas uma questão estética, mas um reflexo do poder interno que ela começa a reivindicar. Ao se sentir bonita e segura, ela adquire confiança para exercer seu poder no reino e moldar sua própria identidade. A Rainha Má passa de uma mulher insegura e marcada por traumas para alguém que começa a dominar sua própria narrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, percebemos que ao abordar trechos da obra, a questão da violência intrafamiliar é muito presente nas falas do pai para com a filha. É crucial reconhecer que não apenas os atos físicos de agressão, mas também as feridas emocionais que perduram muito depois que os agressores partem. A violência intrafamiliar não se limita a um único ato; A falta de amor e a presença de palavras cruéis, como as mencionadas nos trechos analisados, são formas insidiosas de violência. No caso da Rainha, as humilhações e críticas constantes do pai não apenas moldam sua autoimagem, mas também criam uma dependência emocional em relação à validação externa. Essa dinâmica é um reflexo da maneira como a violência psicológica pode ser tão devastadora quanto a física, deixando cicatrizes invisíveis que muitas vezes são ignoradas pela sociedade. A Rainha, ao buscar a confirmação de sua beleza no espelho mágico, ilustra essa luta interna entre a necessidade de aceitação e o desejo de romper com padrões prejudiciais.

Neste trabalho, exploramos a violência intrafamiliar na obra *A Mais Bela de Todas*, de Serena Valentino. A narrativa da Rainha Má, longe de ser apenas uma vilã arquetípica, revela as cicatrizes emocionais e os comportamentos destrutivos que emergem de um ambiente familiar tóxico. A contribuição acadêmica deste estudo reside na análise crítica das representações de vilania, que desafiam a visão simplista de bem e mal, promovendo uma reflexão mais profunda sobre os contextos que moldam essas personagens. A obra de Valentino não apenas reinterpreta um clássico da literatura infantil, mas também abre espaço para discussões sobre identidade, oferecendo uma nova perspectiva ao abordar questões complexas como o trauma e a violência.

Os objetivos estabelecidos no início da pesquisa foram cumpridos com êxito. Ao investigar as motivações da Rainha Má e as relações familiares subjacentes à sua construção enquanto vilã, revelou-se como os traumas influenciaram no seu comportamento, permitindo uma nova compreensão da personagem. A análise detalhada da trajetória da Rainha Má mostrou como suas experiências ao sofrer alguns tipos de violência intrafamiliar moldaram suas ações e decisões ao longo da narrativa. O estudo também demonstrou que a obra não apenas retrata a vilania, mas também destaca a necessidade de compreender as motivações por trás do

comportamento violento. Assim, conseguimos aprofundar a discussão sobre a dinâmica familiar e a personagem ao longo da narrativa.

Os resultados obtidos indicam que a obra *A Mais Bela de Todas* serve como um importante meio para a reavaliação dos estereótipos associados às vilãs na cultura popular. Através desta narrativa podemos ver um importante meio para explorar as consequências da violência intrafamiliar, apresentando personagens, embora fictícios, multifacetados que desafiam estereótipos tradicionais. A narrativa destaca como o ciclo de abuso pode perpetuar traumas, levando à formação de identidades distorcidas e à perpetuação do sofrimento.

Serena Valentino proporciona ao leitor a oportunidade de refletir sobre as consequências da violência intrafamiliar e os desafios enfrentados por muitas pessoas. O fechamento desta pesquisa reforça a necessidade de um olhar atento às histórias que moldam nossa compreensão sobre moralidade e identidade. Sendo assim, ao final do estudo, fica evidente que a obra não apenas reinterpreta a figura da vilã, mas também propõe uma reflexão crítica sobre as estruturas familiares que sustentam esse ciclo.

O problema central desta pesquisa, que buscava entender como a obra desafia as representações tradicionais das vilãs, foi respondido através da identificação dos elementos narrativos que humanizam a vilã. A obra não apenas apresenta uma nova perspectiva sobre sua história, mas revela como o abuso emocional e físico impacta não apenas o comportamento da personagem principal, influenciando as ações e decisões da personagem.

A metodologia utilizada incluiu uma análise qualitativa detalhada do texto, complementada por teorias que abordam o impacto da violência intrafamiliar na formação da identidade. O uso dessas teorias permitiu uma compreensão mais profunda das motivações da Rainha Má e destacou a importância do contexto familiar na construção de narrativas pessoais, permitindo um diálogo rico entre teoria literária e questões sociais contemporâneas. Essa abordagem se mostrou eficaz para revelar as camadas emocionais presentes na obra e para estabelecer conexões na literatura.

Visando pesquisas futuras, pode-se ampliar o escopo da análise para incluir outras obras da autora ou compará-las com adaptações cinematográficas contemporâneas. Além disso, seria interessante investigar como diferentes culturas reinterpretam figuras vilanescas semelhantes em suas tradições literárias. Analisando outras obras de Serena Valentino sob a mesma perspectiva, verificando como

diferentes personagens lidam com traumas em contextos diversos. Além disso, seria interessante investigar adaptações cinematográficas e teatrais da obra para avaliar como essas representações influenciam a percepção pública sobre violência intrafamiliar. A inclusão de metodologias interdisciplinares — envolvendo sociologia e estudos culturais — poderia enriquecer ainda mais o debate sobre as repercussões sociais das histórias contadas nas narrativas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo**. A interpretação da obra literária. In: Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Editora 34, 2003

BRAIT, Beth. A personagem e a tradição crítica. _In_: BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985. p. 28-52.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**.São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DOSTOIÉVISKI, F. **Memórias do Subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários.** Editora D.E.L.T.A 2015. Disponível em: >https://drive.google.com/file/d/1i2mP5fDNsy0GK0OBAYxy3sVZ41Jkq8mM/view?usp=dri vesdk< Acesso em: 2 de junho de 2024.

FOUCAUL, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCALT, M. **Microfísica do poder.** . Organização e revisão Técnica de Roberto Machado. 11 ed. São Paulo: Paz e terra, 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Guilhon Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2005b.

GARBIN, Cléa Adas Saliba et al. A violência familiar sofrida na infância:: uma investigação com adolescentes. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 107-118, abr. 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4a ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MENDES, FM. **Realismo e violência na literatura contemporânea:** os contos de Famílias terrivelmente felizes, de Marçal Aquino [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

MITCHELL, J. **The Rise of the Anti Hero: Why the characters in TV and movies we love most are the ones with fatal flaws.** Relevant Magazine, 2013. Disponível em: http://www.relevantmagazine.com/culture/tv/rise-anti-hero. Acesso 16 out. 2024.

Ministério da Saúde. **Violência Intrafamiliar** : orientações para a prática em serviço. 8. ed. Brasília Df: Secretaria de Políticas de Saúde, 2002. 100 p. (Série A – Normas e Manuais Técnicos).

ROMERO, Karen Richter Pereira dos Santos. **Crianças vitimas de abuso sexual**: aspectos psicológicos da dinâmica familiar. Curitiba - Paraná: Ministério Público do

Estado do Paraná, 2007. 127 p.

VALENTINO, Serena. **A mais bela de todas.** São Paulo: Universo dos livros, 2021.